

24/2

revista do centro de estudos humanísticos
série filosofia e cultura
2010

diacrítica

neo- -republicanismo

CEH



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

Título: DIACRÍTICA (Nº 24/2 – 2010)
Série Filosofia e Cultura

Directora: Ana Gabriela Macedo

Editor: João Cardoso Rosas

Editora-Adjunta: Virgínia Soares Pereira

Comissão Redactorial: Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Norberto Amadeu Ferreira G. Cunha, Manuel Rosa Gonçalves Gama, Virgínia Conceição Soares Pereira, Fernando Augusto Machado, João Manuel Cardoso Rosas, Joanne Madin Vieira Paisana, José Manuel Robalo Curado, Vítor Manuel Ferreira Ribeiro Moura, Pedro Martins, Mário Matos, Elisa Lessa

Comissão Científica: Acílio da Silva Estanqueiro Rocha (Universidade do Minho), Arnaldo Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Catherine Audard (London School E.P.S.), Elisa Lessa (Universidade do Minho), Fernando Augusto Machado (Universidade do Minho), Joanne Madin Vieira Paisana (Universidade do Minho), João Manuel Cardoso Rosas (Universidade do Minho), João Vila-Chã (Faculdade de Filosofia da U.C.P.), José Esteves Pereira (Universidade Nova de Lisboa), José Luís Barreiro Barreiro (Universidade de Santiago de Compostela), Manuel Ferreira Patrício (Universidade de Évora), Manuel Rosa Gonçalves Gama (Universidade do Minho), María Xosé Agra (Universidade de Santiago de Compostela), Mário Vieira de Carvalho (Universidade Nova de Lisboa), Norberto Amadeu Ferreira G. Cunha (Universidade do Minho), Pedro Cerezo Galán (Universidade de Granada), Richard Bellamy (University of Essex), Steven Lukes (New York University), Virgínia Conceição Soares Pereira (Universidade do Minho), Viriato Soromenho-Marques (Universidade de Lisboa), José Manuel Robalo Curado (Universidade do Minho), Vítor Manuel Ferreira Ribeiro Moura (Universidade do Minho)

Obs: Para além de artigos de professores e investigadores convidados, a revista acolhe propostas de publicação de colaboradores internos e externos ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, que serão sujeitas a arbitragem científica segundo um modelo de revisão por pares.

Os artigos propostos para publicação devem ser enviados ao Coordenador.

Não serão devolvidos os originais dos artigos não publicados.

Edição: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho em colaboração com Edições Húmus – V.N. Famalicão. *E-mail:* humus@humus.com.pt

Publicação subsidiada por
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ISSN: 0807-8967

Depósito Legal: 18084/87

Composição e impressão: Papelmunde – V.N. Famalicão

ÍNDICE

NEO-REPUBLICANISMO

- 7 **Le néo-républicanisme en débat**
Roberto Merrill
- 13 **Republican global distributive justice**
Frank Lovett
- 31 **A global republic to prevent global domination**
José Luis Martí
- 73 **Fighting back against domination:
republican citizenship and unbounded reciprocity**
John Maynor
- 91 **Reworking the neo-republican sense of belonging**
Sophie Guérard de Latour
- 113 **Citoyenneté et propriété: une conception républicaine de la propriété privée**
Vincent Bourdeau
- 129 **Repenser le concept républicain de domination**
Christian Lazzeri
- 165 **Le marché est-il une institution républicaine?**
Jean-Fabien Spitz
- 193 **Egalité des chances, responsabilité individuelle et liberté comme non domination**
Roberto Merrill

CULTURA CLÁSSICA

- 213 **Analogia casa / Estado na República de Cícero**
Francisco de Oliveira
- 237 **A influência do paterfamilias na educação da elite política romana de finais da República: o exemplo de Marco Túlio Cícero**
Emília M. Rocha de Oliveira e João Manuel Nunes Torrão
- 273 **Entre Ulisses e Ovídio: Manuel Alegre e o seu exílio sem remédio**
Carlos Ascenso André

VÁRIA

- 293 **Emotions, Art and Immorality**
Matthew Kieran

- 323 **Justiça global: o influxo rawlsiano e a demarcação da Lei dos Povos**
Maria João Cabrita
- 341 **Religion and State – secularism, laicité and multiculturalism today**
Marta Nunes da Costa
- 359 **L'inconscient comme question éthique ou l'objection aux lois apathiques de Kant et de Sade dans le Séminaire VII de Jacques Lacan**
Cristina Alvares
- 375 **Transatlantic crossing: U. S. Cultural studies and german cultural sciences compared**
Lutz Musner
- 391 **As Monjas e a Arte Musical – mulheres de talento dos séculos XVII e XVIII em Portugal**
Elisa Lessa
- 399 **A poesia filosófica de Edmundo Curvelo: o manuscrito ‘caminho dos homens’**
Manuel Curado

TRADUÇÃO

- 425 **“Três Mundos”, de Karl Popper: Nota Introdutória**
João Cardoso Mendes
- 431 **Três Mundos**
Karl Popper

HOMENAGEM

- 459 **El Maestro**
Homenaje a los profesores José Luis Barreiro Barreiro y Andrés Torres Queiruga
M^a Aránzazu Serantes

RECENSÕES

- 465 ***Os Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis***
Virginia Soares Pereira
- 471 ***Cataldo Parísis Sículo, Epístolas, I Parte.***
Virginia Soares Pereira
- 475 ***Revisitar os Saberes. Referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à época moderna.***
Virginia Soares Pereira
- 481 ***Partire la trascendenza. L'uomo nel pensiero di María Zambrano.***
M^a Aránzazu Serantes
- 485 ***Science matters: humanities as complex systems.***
M^a Aránzazu Serantes López / Martín Pereira Fariña
- 491 ***La philosophie des sciences. L'invention d'une discipline (fin XIX^e-début XXI^e siècle).***
João Ribeiro Mendes

A poesia filosófica de Edmundo Curvelo: O manuscrito ‘caminho dos homens’

Manuel Curado
Universidade do Minho

Resumo

Este artigo faz o primeiro estudo conhecido do espólio literário do filósofo português Edmundo Curvelo (1913-1954), aberto recentemente aos investigadores. Apresenta os grandes temas dos papéis de Curvelo e publica pela primeira vez um manuscrito com poemas de Curvelo. Não se conhecia até à data nenhuma actividade literária deste lógico português. O artigo explica por que razão o manuscrito com os poemas de Curvelo é dissonante com a sua obra publicada em Lógica e em Filosofia.

Palavras-chave: Curvelo, Edmundo (1913-1954), lógica (século XX), poesia portuguesa (século XX), filosofia (em Portugal), Quine, W. V. O. (1908-2000), Church, Alonzo (1903-1995), espólios e papéis pessoais.

Abstract

The present article is the first known presentation of the literary estate of the Portuguese philosopher Edmundo Curvelo (1913-1954), recently opened to researchers. The article introduces the main thematic areas of the papers handwritten by Curvelo, and publishes for the first time a book of poems by Curvelo. Until now it was totally unknown any literary work written by this Portuguese logician. The article explains the reason why a handwritten book of poems is completely dissonant with Curvelo's published work in Logic and Philosophy.

Keywords: Curvelo, Edmundo (1913-1954), logic (twentieth century), Portuguese poetry (twentieth century), Philosophy (in Portugal), Quine, W. V. O. (1908-2000), Church, Alonzo (1903-1995), literary estates and personal papers.

I

O estudo da obra publicada de um autor costuma ser suficiente para investigar o seu pensamento. A situação é diferente a respeito do filósofo português Edmundo Curvelo devido à sua morte precoce e ainda não explicada totalmente. A abertura aos investigadores do espólio manuscrito e da biblioteca pessoal de Curvelo permite compreender a evolução do pensamento deste professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Em primeiro lugar, a curiosidade recai sobre manuscritos filosóficos ainda não conhecidos. Curvelo foi um autor muito fecundo que publicou uma vasta obra de livros e artigos durante a sua curta vida. A investigação do espólio pode ser um meio de averiguar o que Curvelo se preparava para publicar e quais eram as grandes preocupações do seu pensamento. Em segundo lugar, o espólio revela os laços que estabeleceu com autores estrangeiros a todos os títulos notáveis. Vivendo no Portugal dos anos 40 e do início dos anos 50, Curvelo correspondeu-se com grandes nomes da Filosofia e da Lógica da sua época; pense-se, como meros exemplos, em Willard Van Orman Quine e em Alonzo Church. A correspondência com os seus contemporâneos portugueses também é rica em informação biográfica e intelectual. Destaca-se a este respeito a correspondência que trocou com Joaquim de Carvalho, o grande professor da Universidade de Coimbra. O espólio inclui trabalhos autografados oferecidos por António Sérgio.

A tudo isto há que acrescentar o homem. Os interesses intelectuais de Curvelo eram excepcionais para a universidade portuguesa da época. Destaca-se a reflexão filosófica ampla nas áreas da Filosofia da Mente, da Filosofia da Psicologia, da Lógica e da Ética. Esta reflexão filosófica caracteriza-se pela argumentação exigente e rigorosa, nos antípodas do discurso vago de muitos dos seus colegas. Igualmente relevante para se ter uma noção do que interessava a Curvelo, está a sua actividade enquanto teórico da orientação profissional que ajudou a introduzir em Portugal os laboratórios psicotécnicos. O contacto com apontamentos e correspondência privada permite que se tenha hoje uma ideia mais

nítida da personalidade de Curvelo e das relações afectivas que manteve. Os Filósofos não são caminhantes das nuvens, como a sátira de Aristófanes afirmava. O pensamento filosófico é sempre obra de alguém que vive em condições concretas. Apesar de serem coisas diferentes e de não se poder avaliar o valor de uma obra filosófica pela vida do homem que a escreveu e vice-versa, é inegável que a vida auxilia o esclarecimento da obra e esta o esclarecimento de muitos aspectos da vida.

Um inventário rápido do espólio de Curvelo mostra as grandes áreas que o interessavam. Em primeiro lugar, é necessário considerar a sua biblioteca particular, à guarda do Instituto de Orientação Profissional da Universidade de Lisboa. O inventário desta biblioteca, feito pelos funcionários do Instituto, revela a grande curiosidade intelectual de Curvelo e o vigor do seu estudo e investigação. Numa época em que o acesso às publicações estrangeiras era muito difícil, Curvelo tinha quatro estantes com quase três mil e quinhentos livros de natureza científica.¹ (Há notícia de uma outra parte da sua biblioteca, à guarda de familiares e ainda não inventariada, que terá muitas mais obras de natureza literária.) Do lado da grande literatura mundial, destacam-se autores como Jorge Amado, Chesterton, Daphne du Maurier, Goethe, Ibsen, Kipling, Llorca, Maugham, Shaw, Swift, Tagore, H. G. Wells e Virginia Woolf. A Filosofia está amplamente presente com os clássicos, mas também com autores como Dilthey, Husserl, William James, Leibniz, Ortega e Sartre. Curvelo acompanhava a produção dos intelectuais portugueses da época e as suas estantes são ricas em obras de autores como Barahona Fernandes, Sílvio Lima, Egídio Namorado e António José Saraiva.

Os papéis do espólio de Curvelo estão à guarda da Biblioteca António Botto, de Abrantes, devido à generosa oferta de uma sobrinha de Curvelo. Sendo provável que se encontrem ainda outros documentos de Curvelo noutros sítios, o espólio de Abrantes é indubitavelmente o melhor local para se conhecer o modo de trabalhar e o que interessava ao Prof. Edmundo de Carvalho Curvelo, nascido a 18 de Outubro de 1913, na freguesia de Assunção, em Arronches, e falecido a 13 de Janeiro de 1954 em Lisboa. Os documentos do espólio ocupam cerca de vinte e cinco caixas de arquivo. Os papéis estão organizados por categorias: correspondência privada com a esposa Noémia Cruz, de quem se viria a divorciar; apontamentos de aulas; enunciados de exames para

1 Mais precisamente: 3463 livros.

os seus alunos; fichas de leituras dos muitos livros que leu; esboços de textos que viria a publicar ainda em vida; provas tipográficas dos textos que publicou; lições das aulas e exercícios práticos para a disciplina de Lógica; esquemas de trabalho; textos de conferências e palestras que realizou (como o manuscrito «Amanhecer»); traduções que realizou (do filósofo americano William R. Montague e do historiador da arte Leonhard Adam); documentos e projectos de lei de que foi consultor científico (por exemplo, um projecto de lei sobre espectáculos para menores e regulamentos de laboratórios psicotécnicos); reprodução de ensaios curtos de autores estrangeiros, talvez em preparação de uma eventual tradução, como o ensaio de H. G. Wells, «What are we to do with our lives?», e, de Bertrand Russell, «Let the people think»; apontamentos de aulas de cursos de línguas estrangeiras, nomeadamente de língua alemã. Duas categorias de documentos são especialmente importantes para a história intelectual portuguesa da primeira metade do século XX: a correspondência com autores estrangeiros e os manuscritos em fase adiantada de acabamento para obras futuras. O espólio de Curvelo revela que este se correspondia com autores estrangeiros na área da Lógica Filosófica e Matemática, como Alonzo Church, Stephen Kiss e Quine. O espólio guarda os sobrescritos e algum do material trocado, mas não as próprias cartas cujo paradeiro ainda se desconhece. Assim, por exemplo, há dois sobrescritos enviados por Quine desde o Emerson Hall da Universidade de Harvard, um com a data de carimbo de 16 de Outubro de 1950 e outro de 1953 (data de carimbo ilegível). Quine enviou a Curvelo separatas autografadas de alguns dos seus textos, como «Conventional logic and modern logic», «On mental entities», «The problem of simplifying truth functions», «On an application of Tarski's theory of truth», textos de 1952, e «On a so-called paradox», de 1953.

II

A segunda categoria é a dos manuscritos prontos para publicação ou em estado avançado de preparação. Há notícia de que Curvelo tencionava publicar em forma de livro as suas lições universitárias sobre Ética e sobre os Pré-socráticos. Existem muitas fichas de leitura e apontamentos para aulas sobre estes assuntos mas ainda não se descobriu o manus-

crito destas obras. Com o inventário exaustivo do espólio, actualmente em curso, será possível contornar a dificuldade da caligrafia de Curvelo e o estado de degradação de alguns papéis, já muito amarelecidos pela passagem do tempo. Alguns grupos temáticos de apontamentos revelam que Curvelo teria a intenção de os desenvolver em forma de livro. Desconhece-se o título final das obras a que dariam origem, mas os temas seguintes são facilmente discerníveis: o problema escolástico dos universais; a psicologia; aulas de Lógica; conceitos e problemas fundamentais da Lógica Dedutiva; e a natureza da ciência (nomeadamente o Manuscrito L, que começa com a frase «Uma ciência caracteriza-se pelo objecto e pelo método»). Existe também um ensaio de 1952 com o título «Máquinas e Homens». É uma grande perda para o pensamento filosófico português que Curvelo não tivesse oportunidade de terminar estes manuscritos.

A grande surpresa positiva do espólio de Curvelo que hoje se conhece (a negativa é o desaparecimento da correspondência com Quine) é a existência de um manuscrito dactilografado com um livro pronto para publicação. As razões da surpresa são óbvias. Curvelo foi o filósofo português que mais valorizou o rigor da escrita e o trabalho de análise filosófica sobre conceitos. A visão que Curvelo tinha dos seres humanos defendia que a razão humana tem recursos suficientes para compreender na íntegra todas as experiências humanas e todas as estruturas possíveis da mente humana. É indubitável que esta é uma agenda magnífica. Para Curvelo, a Lógica e a Matemática serão capazes de representar no futuro tudo quanto se sente e se é. Se isto é assim, um autor que explora estas ideias não precisaria de recorrer à linguagem vaga e imprecisa das línguas naturais para expressar os seus estados de alma. De facto, poderia expressar o que sentia através de fórmulas lógicas bem formadas ou de equações matemáticas. O espanto é, pois, grande.

O manuscrito *Caminho dos Homens* é aquele que, no conjunto do espólio conhecido, se pode considerar como o que estava mais próximo de publicação. Esta colecção de vinte e três poemas intimistas foi dactilografada em sessenta páginas; a colecção inclui um índice e paginação; o manuscrito está razoavelmente encadernado e não apenas agrafado como muitas dezenas de outros; tem folha de rosto e uma epígrafe de S. Jerónimo; já depois de dactilografado, tem correcções feitas à mão; a colecção inclui três poemas em língua inglesa. Para

que este manuscrito se transformasse em livro só faltou acrescentar os desenhos de Noémia Cruz, como indica a folha de rosto. A colaboração com a sua esposa foi efectivada nos artigos de natureza pedagógica que Curvelo publicou, nomeadamente «A bomba atómica, a tabuada e o mais que adiante se verá», «O resto da bomba atómica», «Dois professores e uma história a meia voz», de 1946, e «Os paradoxos de Mestre Xis: paradoxos lógico-matemáticos», do ano seguinte. A autoria dos desenhos destes artigos foi grafada com o nome de casada da esposa, Noémia Curvelo, não Noémia Cruz como consta da folha de rosto do *Caminho dos Homens*. Estes artigos foram publicados pela revista *Mundo Literário*, dirigida por Jaime Cortesão Casimiro e editada por Luís de Sousa Rebelo.

O espólio não dá nenhuma indicação que explique por que razão um manuscrito quase terminado não chegou a ser publicado, seja em revista, seja sob a forma de livro. Pode ter acontecido que o manuscrito não seguiu para publicação devido a algum problema pragmático (atraso dos desenhos de Noémia Cruz, dificuldades em encontrar uma casa editora, etc.). Também é verdade que a falta de publicação talvez se tivesse devido à anomalia que estes poemas constituem em relação ao pensamento filosófico de Curvelo. A um pensamento que afirma que pode compreender na íntegra problemas filosóficos momentosos como o da mente humana, o *Caminho dos Homens* revela um Curvelo frágil, à mercê dos mistérios do mundo e das emoções humanas. À obra de um filósofo que só se ocupou de assuntos humanos (Ética, Matemática, Psicologia, Arte, etc.) e que não dedicou nenhuma página conhecida a Deus e a assuntos religiosos, esta colecção de vinte e três poemas é, surpreendentemente, próxima do religioso e inclui poemas que são verdadeiras orações a Deus. Outros poemas são diálogos entre amigos, sendo Deus um dos amigos com que fala.

O actual estado de desconhecimento da biografia privada, não académica, de Curvelo não permite avançar com nenhuma explicação definitiva. *Ignoramus et ignorabimus*. Uma conjectura impõe-se, todavia. Curvelo conhecia indubitavelmente os problemas que o professor Sílvio Lima viveu devido à publicação do livro *O Amor Místico (Noção e Valor da Experiência Religiosa)*, que saiu pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 1935. A segunda parte deste livro nunca foi publicada e Sílvio Lima acabou por ser despedido da Universidade de Coimbra devido

ao Cardeal Cerejeira. Este ambiente, a que é preciso acrescentar a existência de censura prévia no Portugal ultra-conservador da época, não permitiria a publicação de um livro de poemas em que Curvelo, aqui e ali, toca na blasfémia, dirigindo-se a Deus directamente e, sobretudo, censurando Deus. Veja-se como alguns versos do poema *Portões Arrombados* são tão libertários que podem ser considerados blasfemos: «Que desconsolação e que tragédia imensa / Esta de termos que Te renegar, Senhor!»; ou «Bem vês que falar Contigo é o mesmo que pregar a uma parede!...»; ou ainda «Mas é a Tua certeza que nos atraiçoa, Senhor!». Os recursos que só a Poesia tem é que permitiram a Curvelo a audácia de censurar Deus. Repare-se também em alguns versos do poema *Na Hora*: «Há pecado no meu corpo, Senhor, / E és Tu que tens a culpa / De que haja pecado no meu corpo, Senhor!»; ou ainda «Senhor, eu sou um criminoso, / Mas és Tu que tens a culpa, Senhor, / De que eu seja um criminoso / E de que eu tenha nascido morto».

Tivesse sido a vida de Curvelo mais longa e pudesse ele ter escrito tudo o que desejava escrever, é inegável que nos teria deixado um texto em que explicaria a diferença entre Poesia e Filosofia, bem como a razão de não ter ousado escrever ensaios filosóficos sobre os mesmos assuntos dos versos acima citados.

O presente trabalho de edição do manuscrito *Caminho dos Homens* não conseguiu localizar no espólio os desenhos de Noémia Cruz, nem alguma informação sobre se chegaram a ser realizados. Como os desenhos seriam muito interessantes para a publicação sobre a forma de livro mas sem grande valor para se conhecer este aspecto do pensamento e da personalidade criativa de Edmundo Curvelo, um dos nomes grandes da Filosofia Portuguesa do século XX, esta edição faz uma transcrição do manuscrito, inclui os acrescentos que Curvelo fez à mão sobre o texto dactilografado, actualiza a ortografia, e corrigiu aqui e ali algumas grafias. Foram tomadas duas decisões da exclusiva responsabilidade do presente editor. Curvelo utiliza a letra minúscula sempre que se dirige a Deus; como isto abala a elegância normal da escrita em português, o presente editor uniformizou as referências a Deus em maiúscula. A segunda decisão deve-se a razões de espaço e não tem consequências ideológicas. Como seria complicado publicar o *Caminho dos Homens* com a disposição gráfica habitual dos poemas, indubitavelmente importante, usam-se barras simples (/) para indicar a mudança de linha dos

versos dos poemas e barras duplas (//) para indicar uma linha de separação entre as estâncias dos poemas.²

III

Transcrição do Manuscrito

Folha de rosto

EDMUNDO CURVELO / CAMINHO DOS HOMENS (Poemas) /
Desenhos de / NOÊMIA / CRUZ / LISBOA / 1940

Epígrafe

Eu sou aquele filho pródigo que, / depois de ter dissipado o quinhão que
/ o pai me deu, nem ainda me lancei de / joelhos a seus pés, nem comecei,
sequer, / a renegar os encantos que me seduziram. / S. JERÓNIMO
/ (*Epistola ad Theodosium et caeteros anachoretas*).³

Poemas

I

Hallali

No tempo em que isto aconteceu, / Havia trovões e relâmpagos no céu...
/ Eu encontrei-me, pela noite nua, / Afagando a cabeleira pálida da lua...
// O nevoeiro era cinza que andava no ar, / Tão fria, tão densa, que mal
se podia respirar... / E eu parei defronte da casa dos medos, / Perdida no
meio de velhos rochedos... // Parecia uma estalagem das que havia dan-
tes, / Dessas de atrair e matar os caminhanes... // Os ramos das árvo-
res, torturados, / Eram braços torcidos de enforcados... / Os penedos
tristonhos caídos no chão, / Rebanhos de homens chacinados... // Até o

2 A publicação deste trabalho não teria sido possível sem o auxílio do Professor Augusto J. Franco de Oliveira, da Universidade de Évora. O trabalho que o presente autor realizou junto do espólio de Curvelo só foi possível devido à hospitalidade do Dr. Francisco Lopes, director da Biblioteca António Botto, de Abrantes. A tradução de uma epígrafe latina contou com o auxílio da Prof.ª Ana Lúcia Curado, da Universidade do Minho. O nosso profundo agradecimento aos três.

3 Em latim no original: '*Carta a Teodósio e aos Outros Anacoretas*'.

ar que envolvia a casa deserta / E estagnava os campos da minha alma
alerta, / Era um ar pesado de cemitério... // A neve caía, macia, tão fria,
/ Caía, caía... caía, caía... // O chão amarelo, / A casa de sangue, / O luar
exangue, / O próprio caminho... // ...Portanto era ali o reino da morte.
/ – A terra dos mortos! A terra dos mortos! / Gritava-me na cara a casa
dos silêncios mortos... // ...No tempo em que isto aconteceu, / Havia tro-
vões e relâmpagos no céu... // ...Senti alguém atrás de mim... // Não era
da casa sem porta, / Que tinha a carne rasgada / Na ferida duma janela
torta... // Era o caso que da escuridão / Desflorando o silêncio assom-
brado, / Nascia um grito de loucura, de alma perdida, / Um grito negro, /
Um grito lúgubre de assassinado... // O uivo calou-se e recomeçou... / E eu
queria segurar os pobres bocados / Em que me estilhaçara ao ouvir o grito
/ Cercar-me, cercar-me de todos os lados... // Era o Hallali! dos caçadores,
/ O grito das trompas e dos vencedores! / Hal-lali! Hal-lali! Hal-lali!... //
Arquejante e desfigurado / Larguei-me a correr, a correr... / Hal-lali! Hal-
lali! Hal-lali!... / Capaz de me endoidecer / Na noite de pesadelo! / Hal-
lali! Ha-lali! Hal-lali! / Hal-lali! Ha-lali! Hal-lali! Hal-lali! // ...No tempo
em que isto aconteceu, / Havia trovões e relâmpagos no céu... / Um disco
vermelho falava de perigo, / No rio de água verde corriam venenos... //
...E do Hal-lali! Ha-lali! Hal-lali! / Do Hal-lali! sem fundo nem fim, / Se
nem sequer sei o que é, / Nem o que possa querer de mim, / Sei ao menos
– isso posso dizê-lo – / Que são horríveis estas noites de pesadelo!...

II

Sinais de Agouro

Na música da noite alagada de sonho, / Num gemido desmaiado de sen-
tidos perdidos, / Num crepúsculo vago e pálido, tristonho, / Num mur-
múrio violeta lânguido e tristonho, / Tu vieste, de braços estendidos...
// Depois da meia-noite, e com a noite morta, / Acordei ao barulho
dos teus passos perdidos, / Empurraste a escuridão que me guardava a
porta, / Ficaste branca e fria no limiar da porta, / De braços estendidos...
// Senti na cara a dor das lágrimas cansadas, / Já liberto das algemas dos
sentidos, / E tu encheste a noite negra de casas assombradas, / De mon-
ges e milagres, florestas encantadas, / E sorriste, de braços estendidos...
// Cheio de agouros saí de casa negramente, / Perdido de mim mesmo e

dos sentidos partidos; / Já tudo nessa noite morrera mansamente, / Mas eu vivia em cheio, vivia bravamente, / E tu vieste, de braços estendidos... // Segui-te como um fantasma, p'rás montanhas, / Guiado pela branquura dos teus cabelos caídos, / Por entre moitas, armadilhas e paisagens estranhas, / Lá onde só havia aventuras estranhas, / E tu chamaste-me, de braços estendidos... // Aproximei-me e soube ao certo que era a hora, / Porque me aconchegaste a cabeça nos teus vestidos, / Eu estava cansado, e tu falaste, que era a hora: / – Fecha os olhos, meu irmão, e dorme agora, / Já sabes por que vim, de braços estendidos...

III

Acabai por Entender!...

Em gaiolas, dentro delas, / Muito bem engaiolados, / Uns pequenos animais. / Mas, no dia de finados, / Cada um dos enjeitados / Faz-se ao mar e solta as velas, / Não se importa com os mais. // Derrubada pelo sol, a carne de marfim desfez-se em pó, / Saltou da cruz. / E o corpo-fogo já não é de enjeitado, já não está só, / É um corpo loiro esposo da luz. // Ondas e aventura, correr, correr, / Animal e vegetativa alegria de viver! // Depois de transpostas as tuas fronteiras, / Meu país das maravilhas e da música silenciosa, / É que se descobrem as acanhadas e estreitas barreiras / Das verdades da vida catalogada e harmoniosa. // Meu país das maravilhas e da pintura sem cor, / Da escultura sem formas, nem linhas, nem espaço, / Dos silêncios musicais, sofrimento sem dor, / Das palavras sem voz, do desenho sem traço...

IV

Realejo

Um e um e dois... um e um e dois... / Fazia o chiar do meu carro de bois... / Um e um e dois... um e um e dois... / Dizia baixinho o cantar dos rouxinóis... // Na sombra da noite e na luz da lua, / Na solidão da noite vasta e nua, / Tosca e nua, / Vaga e nua, / Um e um e dois... / O carro de bois... / Um e um e dois... um e um e dois... um e um e dois... // E depois, depois... / O carro dos bois / Gemia consigo consigo consigo / Gemia o perigo / Do tempo antigo / Gritava um grito contrito contrito / Um grito aflito aflito contrito / Os grandes castigos / Dos tempos antigos / Abrigos abrigos / Os perigos os perigos / Dos tempos antigos // Da noite dos medos / O bater

dos dedos / No carro de bois... / Um e dois... um e um e dois... um e um e dois... // E depois, depois... / Só era guinchar de carro de bois / A dor dos penedos / Com garras nos dedos / Segredos segredos / Figueira com figos / E eu e os figos / O carro de bois / O carro dos dois / Depois e depois / Morreram as vacas ficaram os bois... / E um e um e dois... e um e um e dois... e um... e um... e dois. // É tão lindo tão lindo tão lindo, / – Chorava, baixinho, / No murmúrio da noite imensa e nua – / O triste luminoso da luz da lua!... // E nas ondas brancas / Do marfim da luz parada e crua / O carro dos bois... / Um e um e dois... / No preto avermelhado e cheiroso de *perfume*, / No quente luminoso da palavra *lume*, / Gritavam sóis / Como faróis / Ao carro nos bois: / – Um e um e dois!... Um e um e dois!... // Bati nos bois / E o carro dos bois / Um e um e dois um e um e dois / Desatou a fugir a fugir de nós dois / De mim e dos olhos da noite agoirenta / Que de repente se tinha tornado pardacenta... / O carro dos bois / Já era dos dois!... // Não adivinho / Se foi ilusão / Mas vi um clarão / Saltar-me ao caminho... // Eu e eu e eu já não era eu... / E sempre que começava a cair em mim / Distinguia os *seus* olhos poisados em mim... / E o carro dos bois... / Um e um e dois... um e um e dois... / Sentia-me *só*, perdido na noite, / E tinha a certeza de *não* estar *só*, no carro de bois... // Da sombra do mato / Dos ramos esguios / Do verde mulato / Do luar em fios / Vinha chegando a música dos sóis / O canto alto dos heróis / Sonata que era simultaneamente / A marcha fúnebre de nós os dois / E' stridor de latas p'ra'rreliar a gente, / O latir obcecante do carro dos bois / Um e um e dois um e um e dois um e um e dois... / Um e um e dois... um e um e dois... e um e dois... um... e um... e... dois...

V

Apocalipse

Dies irae, dies illa

*Solvat saeculum in favilla!*⁴

Quis saber / Como era a minha voz e o meu canto, / E fui escutar o eco. // Quis saber / Como era a minha alma e a beleza do meu corpo, / E fui mirar-me no lago. // E gostei tanto / De ouvir a minha voz e o meu canto, / Que à agua calma, / Onde mirava o meu corpo e a minha

4 Em latim no original: 'O dia da ira, o dia em que se destruirá o século em cinzas!' Numa cópia do MS, o poema Apocalipse tem uma dedicatória a Dorian Gray, personagem célebre, como se sabe, de Oscar Wilde. A dedicatória aparece cortada e desapareceu do MS principal.

alma, // Pedi um milagre: / *Dá-me essa imagem!* // Pois o eco me tinha prometido / *Dar* para ela as palavras que eu tinha proferido. // O lago acedeu. / E eu tomei pelo braço a minha imagem. / E fi-la cantar / E rir. / ...E levei-a para me consolar / E me divertir. // Fui viver a minha vida: / A subir e a descer, / Sem poder / Querer ou não querer. / Deitei almas a perder / E julguei ter já cumprida / A sina do meu penar. // E disse prà minha imagem: / – Podemos ir descansar! // Disse, mas duvidei, / Quando ouvi a sua voz, / Que fosse ela a minha imagem, / Pois, na viagem, / Outra se tinha tornado. // Não era a velha companheira / Entusiasta, heróica e santa: / Era como a consciência matreira / Que nos atraiçoa / Quando a lembrança se escoo / E o sol da vida se levanta. // Vi levantarem-se os mortos / Nos seus olhos de traição, / A brilhar, sem compaixão / Das penas / Que nós ambos havíamos passado. / Vi caminhar / Nas suas pupilas frias / As minhas melancolias, / Teimosias / De me ver sem me encontrar. // Meditei, então, / No mistério aterrador / Que fizera a criação / Juiz do seu criador. // – Tu me criaste, mas só o eco me revelou! / Tu me criaste, mas só o lago a ti me ofertou! / Murmurou a imagem – e eu estremei. / Pairava no ar / A angústia eterna dos grandes momentos. // E eu tive a certeza / De que iam a desencadear-se os ventos. // ...E só por cobardia não fugi. // Depois daquilo já não duvidava / Que mesmo assim / Não era p'ra mim / A *minha* imagem, como eu cuidava. // E quis sofrer / E ter prazer / Em esgaravatar nas feridas. / E tive amor / Pela minha dor. / Quis endeusá-la / Em lindas festas servidas / Por lacaios meus algozes. / Quis cantá-la / Na tal voz que me obrigou / A querê-la sem desejá-la / E a mim p'ra sempre a ligou. // Mas a minha imagem princesa / Dizia em modos de tristeza / Que me faltava sinceridade. / Sempre sorria / Quando eu dizia / Que amava e sofria / A eternidade. // Sorria / E eu não sabia / Que era pecado, / Que era heresia / E falsidade / O desejar ser aquilo / P'ra que não temos capacidade. // Finalmente, / Tão deprimente / Era p'ra mim / O seu sorriso, / Que eu, sem cautela, / Decidi acabar com ela. // Convidei-a a me seguir, / E ela veio, sempre a sorrir. // / Levantei o braço, e ela sorriu. / Meu braço, então, com força caiu / Ferindo-lhe o peito. // / Soou um grito nos montes! / Parou a água nas fontes! // / E viu-se, depois, / A minha imagem, ajoelhada, / Com a cabeça inclinada, / Chorando a morte de nós dois.

VI

A Revolta dos Fantasmas

Na casa de paredes altas e arcos em ogiva, / Eu tiro do esconderijo a pedra misteriosa / Que tem clarões de fogo e despede raios cor-de-rosa, / E então morre a noite morta e nasce a noite viva. // É ali o meu tesouro, / Mas não julguem / Que eu tenho lá pedras preciosas e montanhas de ouro / Em arcas de ferro guardas por aranhas e miasmas, / É apenas a casa / Onde eu converso com os meus fantasmas. / Faço os meus encantamentos, / E depois / Ouvem-se arrastar as correntes na sala dos tormentos / Onde vivem os fantasmas pálidos e submetidos, / Abre-se a parede, / E os fantasmas aparecem, contorcidos. // O silêncio desta cena é tão pesado e silencioso, / Que eu, não sendo impressionável nem medroso, / Chego a pensar / Que nunca mais ali hei-de voltar / E devo deitar fora a pedra misteriosa / Que tem clarões de fogo e despede raios cor-de-rosa. // Os fantasmas / Tomam conta da sombra das paredes e da luz dos archotes / À medida que vão entrando, / Uma vez um a um e outras vezes em magotes. // Começamos a discutir / A nossa trágica situação, / Eles condenados à morte por não poderem dormir, / Eu condenado à vida, sem resignação. // Estabelecemos a base das alianças / Com vantagens p'ra eles e p'ra mim, / E no fim / Celebramos o acordo com abraços e com danças. // Eu vou deitar fora a pedra misteriosa / Que tem clarões de fogo e despede raios cor-de-rosa, / Pois os meus fantasmas já são os meus companheiros / E não os meus prisioneiros... // Mas na sala de paredes altas e arcos em ogiva / Desmoronam-se os arcos e rebentam as paredes, / E neste tremor de terras e de sonhos e de sedes / Desvanece-se outra vez a noite viva. // Os fantasmas aproveitam a confusão / E lançam-se sobre mim como um trovão. / E eu fico de olhos molhados / Por ter que voltar à mesma dos fantasmas emparedados. // Levanto a pedra misteriosa, / Restabeleço a disciplina rigorosa, / E volto ao mundo, sem aranhas nem miasmas, / Como quem não tem os seus fantasmas.

VII

Cavalcade

I am going away! / I am leaving you! / I am going away this is good-bye for me and you! / I am going away, / Away, away and away! / I am going away this is the end of me and you! // I am going alone, / Without any

cry and moan, / I leave the death and fears, / My sorrows leave and tears,
 / I am going away, / Away, away and away!... // It was a night of snow,
 / My feet and legs a plow, / Digging up the falling snow. // I heard the
 voice of night / To fill the sky of light, / I meant to get the day, / I was
 going away, / Away, away and away!... / I wanted being worn, / Wanted
 wear away / My body and soul dust-born, / Away, away and away!... // I
 didn't know, of course, / That night would be source / Of my dangerous
 day. // Because the fingers of night / They were the nicest singers, / They
 touched me, the fingers, / Invited me to fight. // And as the butterfly / Is
 a little bit of sky, / I felt undoubtedly / The night becoming me! / – I'm
 awaiting, I'm awaiting, / I'm awaiting, awaiting for you! / You forget /
 But I remember / That time you were I⁵ / When I was you! / Oh, please,
 wait for me, / I am reaching you! // She was following me, / I began at
 once to run, / But she had surrounded me, / I shall for ever shun, / She
 will be pursuing me... // And since that lonesome day / – A night that
 seemed a day – / I am going away / But not going ahead, / I am going
 away, / Only' way and away, / Away, away and away!... // I am running
 away, / I am flying away, / I am going away, / Away, away and away!...

VIII

Canção de Gesta

Disse a profecia / Do conto do menino de estrela de ouro na testa: /
 Desta torre-da-má-hora onde me prenderam / Eu próprio me libertarei!
 / Mas ai de mim! Não ser bem fadado / E ter uma sina a cumprir!... //
 Ter uma sina a cumprir... / E deixarem-me ficar assim em bruto, / Assim
 mal talhado à martelada!... // Sabeis vós, ó homens de boa-vontade, /
 O que é levar-se uma vida inteira espezinhado? / O que é viver-se uma
 vida inteira a fazer / Porque os outros querem que se faça? / Sabendo
 que é mal, / Sabendo que é estupidez? // Sabeis / O que é a sirigaita de
 enjeitada / Da vida dos que nasceram vivos? // Mas sabei também, ó
 homens de boa-vontade, / Eu quero ser como sou / Não quero ter carne
 de mel, / Quero ser assim apenas esboçado, / Quero ter espinhos e car-
 dos na pele! // Ó deuses que tudo tendes subjugado, / Deuses e satãs ou
 qualquer outro que governe o mundo, / Eu desafio / O mais forte e o
 mais bravo / De vós / A combater comigo / No altar do sacrificio! // Vós,
 deuses, / Tendes essa mania pretensiosa de meter o nariz em tudo, / Essa

5 Lapso provável; melhor: 'That time you were *me*'.

mania de sempre dizer que não / Mesmo própria / Do vosso espírito de
 contradição. / Mas isto agora já não vai assim... // Se for eu o abatido /
 Continuareis a guardar os rebanhos / E metereis sempre / A cabeça tres-
 malhada nos apriscos... // Digo-vos, porém, / Que vos hei-de combater
 até vencer, / Porque eu – eu, aquele que eu sou cá dentro – / Não posso
 morrer. // E hei-de partir as cancelas, / Hei-de espatifar as gaiolas, / Só
 para rir / – Rir porque nunca me ensinaram a saber chorar – / Com o
 temor das ovelhas sem pastor, / Com os trambolhões dos pássaros / Que
 desaprenderam de voar... // Ah, lá que hei-de rir, hei-de rir, / Hei-de
 pregar a partida!... // ...Se não for eu a bater / Com os costados no chão,
 / Se for eu a ganhar / Esta causa perdida...

IX

Corpo de Deus

Eu sei que no mais fundo do meu ser, / Há outro eu que em sonhos me
 aparece: / Verdugo do meu corpo – o adormece; / Verdugo da minha
 alma – a faz sofrer. // Eu sei que não sou eu a querer viver, / À noite,
 quando a vida se esmorece. / E, ao ver o que nasce e o que cresce, / Eu sei
 que não sou eu a querer morrer. // Sentir que não sou eu, ser desigual, /
 E ser eu sempre – Sabei, é o meu mal, / Ó meu deus, meu irmão e meu
 amigo! // O bem é ser eu só e ter mil corpos, / Ser eu nos vivos e ser eu
 nos mortos, / Ser eu vivendo em mim, ser eu contigo...

X

Auto-Retrato

Acordei de noite, e dava saltos, dava gritos, / No terror louco da visão
 do meu terror. / E fiquei de joelhos, de joelhos aos pés do meu pavor, /
 Que já não me atrevi a duvidar dos velhos mitos. // Depois quis pintar o
 quadro, mas os meus braços contritos / Já não me obedeciam: eu já não
 era o meu senhor. / E a visão tinha braços, braços que desafiavam o meu
 amor, / Desejos estridentes como o silvar de mil apitos. // Teimeei, teimeei,
 e acabei por borrar a tela. / Mas a tela era nocturna e grávida de escuri-
 dão: / Levei-a para o meu quarto escuro e contemplei-a à luz duma vela.
 // A pintura afogueou-se e falou com um rumor de procissão, / De tal
 modo, que não sei se a loucura me vem dela / Ou se sou eu – eu! – que
 enlouqueço a aparição!

XI

Oração

Não me deixes, homem de Deus, ai não me deixes, / Não me deixes, homem de Deus, / Que a voz tenho cansada, homem de Deus, ai tenho cansada, / De tanto chamar por Ti. // Falei-lhe, Senhor, / Quando estive com ele na encruzilhada, / Falei-lhe, Senhor, / Quando sem falar nem ouvir⁶ / Esta pena a cumprir / Ainda parece maior. // Ele fitou-me, Senhor, / Mas voltou-se e perdeu-se na poeira da estrada, / Fitou-me, Senhor, / Mas viu-me de mãos postas / E fugiu das mãos postas... / ... E eu pensei que assim era melhor... // Não me deixes, meu Deus, ai não me deixes, / Não me deixes, meu Deus, / Que a voz tenho cansada, meu Deus, ai tenho cansada. / De tanto chamar por Ti... / Mas se me deixares, Senhor, / Quando me perco na encruzilhada e levanto as mãos para Ti, / Então, Senhor, / Não cairei de joelhos / Nem Te abraçarei os joelhos... / Porque isso seria pior. // Se me deixares, Senhor, / Como o outro que me fitou e se voltou e se perdeu na poeira da estrada, // Então, Senhor, / Já não chamarei por Ti, / Hei-de passar bem sem Ti / Como passei sem o outro que vi na encruzilhada. // E não me digam, por Deus, ai não me digam, / Não me digam, homens de Deus, / Que já não chamo por Deus. / Que a voz tenho cansada, por Deus, ai tenho cansada, / De tanto chamar por Deus!

XII

Deus feito Homem ou a Culpa de Prometeu

Depois que me abriram as portas da prisão / E me vi de chofre sem a luz da minha dor, / Vieram em bandos, numa procissão, / Entoando hinos e canções de amor. // Rasgaram-me o peito e arrancaram-me o coração, / Cobriram-no de incenso, entronizado num andor, / Enquanto me insultavam e batiam, num clamor, / Arrastando a minha carne sangrenta pelo chão. // Perdeu-se ao longe o rumor dos bandoleiros / Que afiavam os instintos carniceiros / Cevando em mim o seu furor de escarnecer; // Mas nas vascas da minha agonia / Ouvei que o pobre coração explodia / Nas mãos dos ladrões que o adoraram sem o amar nem me conhecer.

6 Início do verso rasurado.

XIII

On the Top

My eyes are full of tears, / Old man! / Of shadows and tears... / My heart is empty of life / And love... / The sun does not light me, / I do not hear the sea, / Old man! / In my soul there are waves / That have the sound of graves / And death... / I have lost all my fears, / My eyes are full of tears, / Old man! / Of shadows and tears!...

XIV

Portões Arrombados

Que desconsolação e que tragédia imensa / Esta de termos que Te renegar, Senhor! / E temos pena principalmente por Ti, / Que sempre nos deste esperança / E confiança. / Mas tem de ser, Senhor, / Já não é o momento de esperar. / Tu foste como no conto do velho pescador, / Cantaste e colheste-nos na rede, / E agora... / Bem vês que falar Contigo é o mesmo que pregar a uma parede!... // É verdade que não mentiste, / É verdade que a Tua esperança / Não é um conto fantástico da carochinha. / Mas é a Tua certeza que nos atraiçoa, Senhor! / Do que nós precisamos afinal / É dos contos fantásticos de riscos e aventuras, / Dos perigos em que se pode morrer. / Do que nós precisamos é de viver, Senhor! // É de não mais ouvir o Teu perdão envergonhado: / – Pois então não havia de perdoar-Te, meu pobre sentenciado?! / É de desatarmos aos pinotes e aos rugidos, / A fingir que nos tinham presos e andamos fugidos...

XV

Bailada

É a Primavera, amigo, as flores gritam nos campos, / Casaram terra e céu e daí nasceu a cor! / Ouvi a voz da terra à hora do sol-pôr, / É a Primavera, amigo, as flores gritam nos campos! // Ouvi lutar o vento nas velas dos moinhos, / Ouvi, amigo, ouvi e abandonei... / Ouvi os meus pés calcarem a poeira dos caminhos, / Ouvi, amigo, ouvi e abandonei... // Ouvi, na solidão, / Ouvi a voz da terra chamar-me, e não escutei... / Ouvi a voz das sombras voando em multidão, / E eu, amigo, e eu abandonei!... // Mas agora há Primavera, / É a Primavera, amigo, e as flores gritam nos campos! / Já vejo as feiticeiras em danças pelo ar, / Voando nos cabelos vermelhos da alvorada, / E nas asas musicais da noite enlu-

arada / Já vejo as feiticeiras em danças de luar. / É a Primavera, amigo, e as flores gritam nos campos!...

XVI

A Certain Travel...

Once upon a time, long time ago, ago, / I was a little child – and I am when I go... –, / I felt the clamour of night, / In my skin the clamour of night. // A sorceress came to me, / Her eyes deep into my eyes / – 'Twas perhaps the moonlight / That was lighting me –, / Took my hand: –You, come with me! // In a green wood with trees and trees, / A haunted forest, sleeping, nice, / entered with my ghost, / And then, skies and seas, / Myself and the world, and that and this, / All was lost. // In the black country of the darkness, / In the shadows, and shadows, and shadows, / There was nothing but shadows, / The land and me, and my own wilderness, / The forest and meadows, the meadows, the meadows, // Suddenly my senses began to dance, / By little and little, and not at once... / I shall not live again that life in store, / I shall not live again, never more, never more! // I saw the silence singing, / I heard the birds gleaming. / I smelled harsh and wiping / The sounds plenty wiping.⁷ // Without any light and colour / The clouds were gold in powder, / My body vanished in powder / My science empty and lore. // This is my wonders country, / This is the world of my dream, / The moonlight in which I swim. // My dream, white-black, and rose, and blue, / And green, and yellow, and red, / And violet those days of the view. // And when my heart was coloured-like rose, / And my soul had reached the sky, / My ghost, livid and pale, / Cut short the song of the nightingale. // Perhaps you don't believe, / I heard me to cry: / – Please, let me live, / I'm sure that dreaming is living / And awakening means to die! / My rivers flow in the air, / My flowers are not able to die, / Oh, please, let me cry! / In my mountains, fields and lakes, / There are never prayers but rapes, / The secret waves of my best delight. // Blood-like tears fell into me / Out of the land gleamingly. // At last my world is closed, / It says to me the last good-bye. / My ghosts in bow, my shady rain-bow, / Mountains of clouds, lakes of sky, / Shadowy deserts made of stars, / At least say to me good-bye! // And you, perhaps, you will not agree / And will say,

⁷ MS: 'plently.'

you, will say it is a lie, / But I am sure this is true, / This is the true, the true, the true for me.

XVII

Na Hora

Não há entusiasmo nos meus olhos / Nem energia na minha boca. / Os meus cabelos não são mais / Os cabelos revoltos numa cabeça louca. / Em vez da epidemia de flores / Da beleza, / Veio agora uma epidemia de dores / E de tristeza... // E parei. // Há pecado no meu corpo, Senhor, / E és Tu que tens a culpa / De que haja pecado no meu corpo, Senhor! / Mas a mim / Importa-me lá que haja pecado no meu corpo?! / Pois hei-de ficar no ermo numa paisagem agreste, / No túmulo da morte? / Pois hei-de derramar lágrimas e entristecer os ares com o meu lamento, // Se tudo isto é pior do que um cata-vento?! / Pois hei-de me esconder / Da festa e da claridade / Lá porque vou pecando sem bem saber porquê?! // Senhor, eu sou um criminoso, / Mas és Tu que tens a culpa, Senhor, / De que eu seja um criminoso / E de que eu tenha nascido morto. / És Tu que tens a culpa das minhas heresias / E de que eu ande metido na pele do Diabo / Nesta guerra viva de todos os dias. // E ainda mal, Senhor!⁸ // Mas eu não quero nem sei / Ser galo de capoeira. / É verdade que me falta ainda / Aquilo que eu sou verdadeiramente... / Mas não tenhas compaixão!... // Terás percebido bem? / Terás percebido bem o que eu quero dizer? // É a loucura que me chama, / Eu quero ter os pés firmes / Bem enraizados na terra. / Pois então viva a loucura! / Quero ser o louco maior / Dos loucos que haja na terra!

XVIII

Coroa de Louros

Garras bronzeadas cravadas nas minhas barbas vermelhas, / Sentinelas de silêncio, rondas de escuro e solidão. / Dentro de mim chinfrim de feira, bater de tampas de latão, / Delíquio de paixões murchas num rasgar de sedas velhas. // Ruivos gritos de lua pulverizada nas minhas guedelhas, / Peias quebradas, noite-cristal, sonho da lua, dou beija-mão. / Religiosamente, turíbulo-fumo, sobrepeliz, luz-oração, / Perfume de carvalho bento, flor de rosmaninho, rubi-centelhas. / De braço ao pes-

8 Início do verso rasurado.

coço, medonhos, vão chegando os convidados, / Sonâmbulos da lua, fugas, angústias pálidas de trincheira, / Soldados mortos dos exércitos que um dia comandi na guerra. / Repúdio. Desprezo dos corpos inúteis e desfigurados. / Sismo, ruir de lendas, fico em migalhas, poeira de poeira. / Agora sim! Tanto mais me encontro quanto mais sou terra!

XIX

Tragicomédia

Foi-se o bom tempo, amigo, / Foi-se o bom tempo que não volta mais. / Foi-se o bom tempo das paixões bravias, / Foi-se o bom tempo / Em que os outros todos eram teus iguais. // Foram-se os dias de combater / Pelo que não vinham / Mas ainda, certo, havia de nascer. / Vieram os dias de suspirar / Pelo que morreu / E já nunca mais há-de reviver. // É a hora triste... / É a hora certa do não-pode-ser, / A hora solene de me abrir a porta, / De sair daqui e desaparecer. // Falo eu comigo, / Amigo, / Digo-me comigo / Digo ao meu amigo / Que sou eu que digo. / Mas não sei, amigo, / Se é o meu amigo / Que fala comigo / Ou sou eu que digo / Sem saber eu digo. // É assim que vivo / Sem saber que vivo / Ou que já vivi. / Não sou eu que vivo / Nem sou eu que digo / Nem sei o que digo / Nem se ainda vivo / Ou se já morri. // E no fundo / – Digo ao meu amigo / Ou digo comigo, / Sou o meu amigo – / És agora como sempre desde que nasceste, / No centro do mundo / No centro do tempo / Querendo ser o mundo / Querendo ser o tempo / Querendo ser o sonho em que te meteste. // ...Que isto é divagar da hora triste, / Já sem ter amigos que nos venham ver. / Morreram um a um... / Fez-se um grande vácuo em toda a nossa volta, / Já aqui não temos nada que fazer...

XX

Mascarada

Sei lá porque prefiro os dias do calor que berra, / E escolho as noites frias p'ra sonhar os meus sonhos abissais, / Porque amo o sol e a cor, a vida, o céu e a terra, / E vou construir o meu castelo entre pântanos tristes e matagais?... // Nesse castelo de granito, onde moro, / Com pântanos em volta e matagais / Povoados de febres e chacais, / Nesse castelo de granito, onde moro... // Fecha-se a noite em água e negridão, / Ouvem-se as lágrimas da terra vagamente, / Movem-se sombras em

silêncio estranhamente, / Povoam-se a minha solidão... // Há corredores de loucura, no castelo, / Povoados de lamúrias e lamentos, / Com a alma coalhada em pensamentos / Percorro esses corredores do meu castelo... // Ao fundo dos corredores há uma sala / Forrada de vermelho como sangue... // Tem lá dentro urna cadeira de espaldar, / E eu entro vagaroso e oscilante, / Bem de negro na fogueira chamejante, / Sento-me na cadeira p'ra sonhar... // Fugido da dança fantástica da morte das cores, / Do tilintar agoirento dos vidros partidos, / Dos homens que me querem mal, à espreita, escondidos, / Fugido dos meus pavores... // E sonho que um dia tarde, talvez um dia, / Hei-de sentir saudades dos terrores de agora, / Saudades dos desejos de me ir embora, / Saudades destas noites de melancolia... // ...E sei lá porque hei-de acusar o sonho de dizer / Que só eu é que sei o que quero de mim, / Sei lá de quem é a culpa desta triste figura. / Sei lá o que hei-de fazer deste mar alto de loucura / Da sala de vermelho mascarada de sangue, / Sei lá o que hei-de fazer de mim!...

XXI

Jornal de Viagem

Tive arranque de leão e saída de burro, / Quis dar um rugido e saiu-me um zurro!... // Vivo dentro da minha loucura, / Sou o cavaleiro da triste figura!

XXII

Jogo da Confusão

Chorar... mas chorar de quê, amor? / Seguimos a nossa estrela / E deixámos estradas por atalhos... / O chão onde enterrámos os pés / Abriu em ruínas... / Mas não tivemos medo de sonhar, / E defendemo-nos nos nossos castelos no ar. / Chorar... mas chorar de quê, amor? // Nós levantámo-nos para a luta! / Patinhámos na valeta / A dor da vida em carne viva... / Caímos da graça de Deus / Sem nos importarmos com isso... / Nunca fomos para ninguém / Mais do que piolho pegadiço... / Mas nós levantámo-nos para a luta! // Deixa que tudo isto rebente por uma vez / Neste jogo de ir por aí fora!... / Ainda bem / Que não lutámos p'ra vencer! / Tu sabes bem, / Ainda que às vezes fosse como se não souberes, / Que os nossos pais um com o outro / Tiveram de lutar por lutar / Para que pudéssemos nascer. / Deixa que tudo isto rebente por uma

vez! // Senta-te a meus pés e abraça-me os joelhos, amor, / Vamos contar um ao outro a nossa desilusão... / Sim, tu também tens uma caveira / E hás-de apodrecer debaixo da terra... / Mas havemos de ser / Velas encarnadas de papoilas no oceano verde dum tragal... / E cheiro próprio dos campos em primeiro dia de Primavera... / Não te envergonhes de ser homem, / Que eu não tenho medo de ser mulher... / Senta-te a meus pés e abraça-me os joelhos, amor...

XXIII

Oratória em Quatro Quadros

Peito a Peito

É tal a vontade que eu tenho de trocar de vós / E de vos cuspir na cara o meu desprezo, / Que dificilmente sou capaz / De não vos dizer que vos aborreço. / Tanto que escutais no grande silêncio sem voz / O que julgais um dos vossos, / Não percebeis que eu tenho a alma a ferver, / Sem poder estostrar / Mais do que palavras geladas da minha boca, / Que me deixam por dentro a ponto de chorar. // Sabeis apenas / Que eu não sou um dos vossos, / Quando alguma coisa cá dentro se partiu / E o meu riso se escancara de surpresa, / E então começais a rir de mim, / Como dum palhaço que vos divertiu. // Não é porque haja dois dentro de mim, / É simplesmente / Porque eu sou um só e sou mesmo assim...

Sangue na Terra

Santificado seja o meu nome, / Porque o meu coração não me pertence. // Hei-de partir-me em bocados / E dar-me aos pobres e enjeitados, / Porque o meu coração não me pertence. // Hei-de esfacelar a minha vida, / Gastar-me sem conta nem medida, / Porque o meu coração não me pertence. // Quero ser feirante de mim mesmo / E exhibir-me no circo da minha feira, / Porque o meu coração não me pertence. // Dar-me a quem não tem eira nem beira, / Dar-me todo aos outros para ser eu mesmo, / Porque o meu coração não me pertence. // Dar-me como pérolas a porcos, / Aos que se julgam mas já são mortos, / Porque o meu coração não me pertence. // Dar-me de presente / A toda a gente, / Porque o meu coração não me pertence.

Mão nas Mãos

Se nunca tiveste descanso nem conforto, / E há tristeza nos teus olhos,
/ Vem comigo, / Digo-te que é para sempre. // Se me ouves melhor
quando não te falo, / E me procuras mais quando não te chamo, / Vem
comigo, / Digo-te que é para sempre. // Se não te passaram despercebi-
das / As pancadas ásperas da minha luta, / E sentiste aberto na tua carne
/ O sofrimento bárbaro das minhas feridas, / Vem comigo, / Digo-te que
é para sempre.

Filho do Homem

Eu quero / Que tu me atraíções nos teus pensamentos, / E dou-te licença
/ De me abandonares, / Porque o meu coração não me pertence. // E
quando voltares / Hei-de-te combater, / Por amor da tua vida verda-
deira, / E porque é esta a minha maneira de ser. // Como hei-de com-
bater o meu próprio Deus, / Porque o meu coração não me pertence. //
Como hei-de recolher-te nos meus braços, / Porque o meu coração não
me pertence. // Para sempre / Santificado seja o meu nome, / Porque o
meu coração não me pertence.⁹

9 Os quadros desta Oratória são numerados; retirou-se a numeração. O MS termina com o índice que aqui não se reproduz.